

## Domingo XXX do Tempo Comum - Ano B – 27.10.2024



### Viver a Palavra

O discípulo missionário é aquele que experimentando na sua vida a ação salvífica de Deus, se faz anunciador das maravilhas do amor do Pai, revelado de modo pleno, total e definitivo em Jesus Cristo, Luz das nações.

Na Liturgia da Palavra deste Domingo sentimos ecoar a alegria de um Deus que se aproxima de nós, que caminha connosco, que estabelece, em Jesus Cristo, gestos concretos de amor e misericórdia que estão já presentes na revelação veterotestamentária, como escutamos nas palavras do Profeta Jeremias: «*soltai brados de alegria por causa de Jacob, enaltecei a primeira das nações. Fazei ouvir os vossos louvores e proclamai: 'O Senhor salvou o seu povo, o resto de Israel'*», ou no canto do Salmo Responsorial: «*da nossa boca brotavam expressões de alegria e dos nossos lábios cânticos de júbilo*».

Somos desafiados pela Palavra de Deus a olhar a nossa vida com um coração agradecido, reconhecendo as maravilhas que Deus realiza. A oração de louvor é o segredo para encontrar a força e a coragem para os momentos mais difíceis e exigentes da nossa vida: assim como no passado Deus se fez presente na nossa vida, manifestando o Seu amor e cuidado, assim no presente e no futuro o Senhor estará connosco para que cada obstáculo e desafio sejam uma nova oportunidade para sentir o Seu amor e a Sua graça. Deste modo, as dificuldades e desafios tornam-se lugares de crescimento e a oportunidade de renovar a fidelidade à Palavra de Deus que nos convida a depositar Nele toda a nossa confiança.

A nossa fraqueza e pecado não são um caminho sem saída, como nos recorda a Carta aos Hebreus, tornam-se escola de compreensão e perdão, pois partilhando com os irmãos esta condição de fragilidade, compartilhamos a necessidade do perdão oferecido e recebido como lugar de exercício da verdadeira fraternidade.

Jesus, Aquele que assumiu a nossa fraqueza, para nos elevar pela força do Seu amor, é o rosto da misericórdia do Pai e não fica indiferente às nossas dores e fragilidades. Jesus sai de Jericó, vai a caminho de Jerusalém e escuta o clamor do cego Bartimeu: «*Jesus, Filho de David, tem piedade de mim*». Jesus chama-o, quer entrar em diálogo com ele, pergunta-lhe o que pretende, manifestando assim o desejo de escutar as suas necessidades e anseios. É assim Jesus, deve ser assim a Igreja, enquanto continuadora da obra redentora de Cristo: caminhando no meio dos homens e mulheres do Seu tempo, deve ser lugar de escuta e de acolhimento. Contudo, há um pormenor muito interessante: Jesus pede aos discípulos para irem chamar Bartimeu e eles chamam-no utilizando duas palavras, que só Jesus pronuncia nas restantes passagens do Evangelho: primeiro, o apelo «*Coragem!*» como convite à confiança porque a sua prece foi escutada e depois a ordem «*Levanta-te!*», tal como Jesus quando se dirigia aos doentes, tomando-os pela mão e salvando-os das suas enfermidades.

Também nós, discípulos missionários no hoje da história, diante dos gritos e clamores da humanidade ferida por tantas estradas de dor e sofrimento, somos chamados a assumir na nossa vida as palavras e gestos de Jesus, para que no mundo possa despontar a Luz que só Jesus pode oferecer e a Esperança que só a Sua misericórdia nos pode garantir. *in Voz Portuguesa*.

+++++

Continuamos no ciclo - Ano B - do Ano Litúrgico. Durante todo este ano litúrgico – 2023/2024 -, acompanhamos o evangelista S. Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Marcos.

E faremos isso....

**Em anexo à Liturgia da Palavra ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos.** Também poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

### **LEITURA I – Jeremias 31,7-9**

**Eis o que diz o Senhor:**

**«Soltai brados de alegria por causa de Jacob,  
enaltecei a primeira das nações.**

**Fazei ouvir os vossos louvores e proclamai:**

**‘O Senhor salvou o seu povo, o resto de Israel’.**

**Vou trazê-los das terras do Norte  
e reuni-los dos confins do mundo.**

**Entre eles vêm o cego e o coxo,  
a mulher que vai ser mãe e a que já deu à luz.**

**É uma grande multidão que regressa.**

**Eles partiram com lágrimas nos olhos  
e Eu vou trazê-los no meio de consolações.**

**Levá-los-ei às águas correntes,  
por caminho plano em que não tropecem.**

**Porque Eu sou um Pai para Israel  
e Efraim é o meu primogénito».**

### **CONTEXTO**

Jeremias, o profeta nascido em Anatot por volta de 650 a.C., exerceu a sua missão profética desde 627/626 a.C., até depois da destruição de Jerusalém pelos Babilónios (586 a.C.). O cenário da atividade do profeta é, em geral, o reino de Judá (e, sobretudo, a cidade de Jerusalém).

A primeira fase da pregação de Jeremias abrange parte do reinado de Josias. Este rei, preocupado em defender a identidade política e religiosa do Povo de Deus, leva a cabo uma importante reforma religiosa destinada a banir do país os cultos aos deuses estrangeiros. A mensagem de Jeremias, neste período, traduz-se num constante apelo à conversão, à fidelidade a Javé e à aliança.

Em 609 a.C., no entanto, Josias é morto, em combate contra os egípcios. Depois de uns meses de instabilidade, o trono de Judá é ocupado por Joaquim (609-597 a.C.). É durante o reinado de Joaquim que se desenrola a segunda fase da missão profética de Jeremias. Nesta fase, o profeta denuncia as graves injustiças sociais (às vezes fomentadas pelo próprio rei) que fragilizavam irremediavelmente o tecido social de Judá; e denuncia, por outro lado, a infidelidade religiosa, traduzida sobretudo na política de alianças políticas com potências estrangeiras (Jeremias entende que os líderes de Judá, ao colocarem a esperança da nação em exércitos estrangeiros, estão a mostrar que não confiam em Deus). Convencido de que Judá já ultrapassou todas as medidas, Jeremias anuncia a iminência de uma invasão babilónica que irá castigar os pecados da nação. As previsões funestas de Jeremias concretizam-se: em 597 a.C., Nabucodonosor invade Judá e deporta para a Babilónia uma parte da população de Jerusalém.

No trono de Judá fica, então, Sedecias (597-586 a.C.). A terceira fase da missão profética de Jeremias desenrola-se, precisamente, durante este reinado. Num primeiro momento, Sedecias mantém-se alheado das convulsões políticas que agitavam os povos da região; mas, após alguns anos de calma submissão à Babilónia, Sedecias volta a experimentar a velha política das alianças com o Egito. Uma vez mais, Jeremias manifesta o seu desacordo com essa política temerária, que mais tarde ou mais cedo há de desembocar no desastre. Nem o rei, nem os notáveis prestam qualquer atenção à opinião do profeta.

Em 587 a.C., Nabucodonosor põe cerco a Jerusalém; no entanto, um exército egípcio vem em socorro de Judá e os babilónios retiram-se. Nesse momento de euforia nacional, Jeremias aparece a anunciar o recomeço do cerco e a destruição de Jerusalém (cf. Jer 32,2-5). Acusado de traição, o profeta é encarcerado (cf. Jer 37,11-16) e corre, inclusive, perigo de vida (cf. Jer 38,11-13). Enquanto Jeremias continua a pregar a rendição, Nabucodonosor apossa-se, de facto, de Jerusalém, destrói a cidade e deporta a sua população para a Babilónia (586 a.C.).

É impossível dizer com segurança em que contexto apareceu a mensagem que nos é proposta como primeira leitura neste trigésimo domingo comum. Para alguns comentadores, trata-se de um oráculo que poderia situar-se na primeira fase da atividade profética de Jeremias (reinado de Josias) e que seria dirigido aos habitantes do Reino do Norte (Israel). Seria uma mensagem de esperança, destinada a animar esse povo que há cerca de cem anos tinha perdido a independência e estava sob o domínio assírio. Para outros, contudo, este texto poderá ser da época de Sedecias, algures entre a primeira e a segunda deportação do Povo para a Babilónia (597-586 a.C.). É a época em que Jeremias descobre perspectivas teológicas novas e começa a refletir sobre um

tempo novo que Deus irá oferecer ao seu Povo: após a catástrofe, será possível recomeçar tudo, pois Deus tem em mente fazer uma nova Aliança com Judá. *in Dehonianos*

## **INTERPELAÇÕES**

- Num momento histórico dramático, quando o Povo de Deus exilado nas “terras do norte” se afundava no desânimo, Jeremias lança a sua proclamação convidando à alegria e ao louvor. Razão: Deus vai intervir para salvar o seu Povo, “o resto de Israel”. É um episódio mais de uma história de salvação que continua a escrever-se nos nossos dias e nos dias que hão de vir, até ao final dos tempos. Em pleno séc. XXI, Deus continua a vir ao encontro do seu Povo exilado neste “vale de lágrimas”, a estender-lhe a mão e a empurrá-lo para caminhos novos de vida e de esperança. As alterações climáticas fazem-nos temer pela viabilidade do planeta, as guerras novas e velhas continuam a tingir de sangue inocente a história do mundo, a ambição e a arrogância dos grandes parecem incontroláveis, a indiferença nascida do egoísmo condena cada dia mais e mais homens a caminhos sem saída... E Deus? Deus continua a insistir, uma e outra vez, com paciência infinita, em conduzir-nos em direção à Vida, em apontar-nos caminhos de salvação. Deus não desiste de nós. Deus não desiste dos seus filhos e filhas. Deus não desiste de ser “nosso Pai” e de nos envolver de ternura e amor. Como sentimos, como acolhemos, como vivemos esta “boa notícia”? O que é que ela traz à nossa luta de todos os dias? Podemos continuar a semear pessimismo quando somos amados desta forma?

- Jeremias garante que a ação salvadora e libertadora de Deus estender-se-á a todos, inclusive aos “cegos” e aos “coxos”. Os “coxos” e os “cegos representam, aqui, aqueles que estão numa situação de fragilidade, de debilidade, de dependência e que são incapazes, por si sós, de deixar essa condição. Também com esses – ou especialmente com esses – Deus quer caminhar. Na verdade, Deus não marginaliza ninguém, nem coloca ninguém à margem da sua proposta de salvação. Os fracos, os débeis, os limitados, os marginalizados ocupam um lugar especial no coração de Deus e são objeto privilegiado do seu amor e da sua misericórdia. Na nossa sociedade, os pequenos, os pobres, os humildes, os doentes, os velhos, os estrangeiros sem papéis são, frequentemente, marginalizados e ultrapassados pelo comboio da história. A sociedade edifica-se sem eles ou, pelo menos, sem ter em conta as suas necessidades e carências... Nós, os crentes, formados na escola de Deus, procuramos olhar para eles com o mesmo olhar com que Deus os olha? Somos capazes de ver em cada homem ou mulher – no “coxo”, no “cego”, no velho, no doente, no marginal – um irmão que Deus ama e a quem Deus quer oferecer, por nosso intermédio, a Vida plena, a salvação definitiva?

- A história da salvação mostra, numa repetição que chega a ser monótona, de um lado o amor e a fidelidade de Deus, do outro a infidelidade do Povo. Ora, apesar da resposta continuamente dececionante de Israel ao amor e à fidelidade de Deus, a verdade é que Deus nunca virou as costas ao seu Povo. Toda a história da salvação é uma história de perdão, de possibilidade de recomeço, de convite à superação do pecado. Também para nós isto vale. Podemos virar as costas a Deus e fechar-nos na nossa pobre autossuficiência; podemos ignorar a voz de Deus e escolher andar em caminhos que nos levam para longe d’Ele; podemos ir atrás de deuses menores, de deuses dececionantes, de deuses que nos escravizam e não nos asseguram vida... Mas, aconteça o que acontecer, Deus lá estará em cada passo do caminho a olhar para nós com um olhar cheio de amor, a perdoar-nos e a convidar-nos para nos sentarmos novamente com Ele à mesa da Vida nova, à mesa onde Ele quer reunir todos os seus filhos e filhas. Acreditamos na misericórdia e no perdão de Deus? O amor e a misericórdia de Deus são para nós motivação para vencermos a cegueira e a paralisia que tantas vezes nos impedem de caminhar? *in Dehonianos*.

### **SALMO RESPONSORIAL – Salmo 125 (126)**

**Refrão 1: Grandes maravilhas fez por nós o Senhor, por isso exultamos de alegria.**

**Refrão 2: O Senhor fez maravilhas em favor do seu povo.**

**Quando o Senhor fez regressar os cativos de Sião,  
parecia-nos viver um sonho.**

**Da nossa boca brotavam expressões de alegria  
e dos nossos lábios cânticos de júbilo.**

**Diziam então os pagãos:**

**«O Senhor fez por eles grandes coisas».**

**Sim, grandes coisas fez por nós o Senhor,  
estamos exultantes de alegria.**

**Fazei regressar, Senhor, os nossos cativos,  
como as torrentes do deserto.**

**Os que semeiam em lágrimas  
recolhem com alegria.**

**À ida vão a chorar,  
levando as sementes;**

à volta vêm a cantar,  
trazendo os molhos de espigas.

## **LEITURA II – Hebreus 5,1-6**

**Todo o sumo sacerdote, escolhido de entre os homens,  
é constituído em favor dos homens,  
nas suas relações com Deus,  
para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados.  
Ele pode ser compreensivo  
para com os ignorantes e os transviados,  
porque também ele está revestido de fraqueza;  
e, por isso, deve oferecer sacrifícios  
pelos próprios pecados e pelos do seu povo.  
Ninguém atribui a si próprio esta honra,  
senão quem foi chamado por Deus, como Aarão.  
Assim também, não foi Cristo que tomou para Si a glória  
de Se tornar sumo sacerdote;  
deu-Lha Aquele que Lhe disse:  
«Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei»,  
e como disse ainda noutro lugar:  
«Tu és sacerdote para sempre,  
segundo a ordem de Melquisedec».**

## **CONTEXTO**

A tradição, sobretudo das igrejas do oriente, atribui a Paulo de Tarso o escrito a que chamamos “Carta aos Hebreus”; mas as igrejas do ocidente há muito que descartaram a autoria paulina desta “homilia”. É provável que a “Carta aos Hebreus” venha de um discípulo de Paulo; mas não foi Paulo que a escreveu. Teria aparecido pouco antes do ano 70, quando o culto praticado no Templo ainda era uma realidade atual (recorde-se que, no ano 70, os romanos destruíram Jerusalém e o Templo). Os destinatários da “Carta” são, segundo a tradição, comunidades cristãs constituídas maioritariamente por cristãos vindos do judaísmo; no entanto, também há quem considere que a Carta poderia dirigir-se a qualquer comunidade cristã, nomeadamente a comunidades onde dominavam os cristãos de origem greco-romana. O facto de se citar abundantemente o Antigo Testamento não é decisivo para a definição dos destinatários, uma vez que, por essa altura, o Antigo Testamento era património comum de todos os cristãos. Seja como for, os destinatários da Carta aos Hebreus são crentes que vivem numa situação de fragilidade, de cansaço e de desalento. O objetivo do autor da Carta é ajudar esses cristãos a redescobrir o entusiasmo inicial, a revitalizar o seu compromisso com Cristo e a empenhar-se numa fé mais coerente e mais comprometida.

O autor desta reflexão convida os crentes a apreciar o mistério de Cristo, o sacerdote por excelência, que o Pai enviou ao mundo com a missão de convidar todos os homens a integrar a comunidade do Povo sacerdotal. Uma vez comprometidos com Cristo, os crentes – membros desse Povo sacerdotal – devem fazer da sua vida um contínuo sacrifício de louvor, de entrega e de amor. Ao lembrar aos crentes o seu compromisso com Cristo e com a comunidade do Povo sacerdotal, o autor oferece aos cristãos a base para revitalizarem a sua experiência de fé, enfraquecida pela hostilidade do ambiente, pela acomodação e pela monotonia.

O texto que nos é proposto está incluído na segunda parte da Carta aos Hebreus (cf. Heb 3,1-5,10). Aí, o autor apresenta Jesus como o sacerdote fiel e misericordioso que o Pai enviou ao mundo para mudar os corações dos homens e para os aproximar de Deus. Jesus Cristo, o sumo-sacerdote “que atravessou os céus” para interceder junto de Deus pelos seus “irmãos” (cf. Heb 4,14-16), tornou-se para todos os que beneficiam do seu sacerdócio fonte de salvação eterna (cf. Heb 5,1-10). *in Dehonianos*

## **INTERPELAÇÕES**

- Caminhamos para onde? Por que caminhos? O que buscamos? Quem nos conduz, de forma que possamos chegar a porto seguro e dar sentido pleno à nossa vida? O autor da Carta aos Hebreus apresenta-nos Jesus e convida-nos a segui-l’O sem hesitações. Garante-nos que Ele nos leva ao Pai e nos ajudará a integrar a família de Deus. Ninguém vai ao Pai, ninguém encontra a Vida verdadeira sem caminhar com Jesus, sem escutar as suas indicações, sem viver ao seu estilo. É uma mensagem destinado a acordar crentes adormecidos, conformados com uma fé morna e sem grandes exigências, instalados na sua zona de conforto, protegidos atrás da sua segurança e do seu bem-estar. E nós? Escutamos Jesus, temo-lo como referência sempre que temos de fazer opções e de escolher caminhos? Ele é para nós Caminho, Verdade e Vida? Estamos dispostos a deixar que Ele nos conduza até ao Pai?

• Jesus experimentou a nossa fragilidade, a nossa debilidade, a nossa dependência; identificou-se conosco e tornou-se capaz de compreender os nossos erros e de olhar para as nossas insuficiências com bondade e misericórdia. Depois, “atravessou os céus” e apresentou-se diante de Deus a interceder por nós e a obter do Pai a nossa salvação. Quando a consciência da nossa fragilidade e do nosso pecado nos impedir de caminhar em paz; quando o remorso pelas nossas escolhas erradas nos pesar intoleravelmente, lembremo-nos de Jesus, o nosso irmão, a interceder por nós junto do Pai. Caminhamos derrotados pelos nossos erros e pelo nosso pecado, ou confiamos em Jesus e na misericórdia de Deus?

• Jesus experimentou a nossa fragilidade e os nossos limites; solidarizou-se com todos os homens e mulheres, independentemente do lugar que a sociedade lhes atribuía. Esteve especialmente do lado dos mais frágeis, dos mais pequenos, dos mais esquecidos. O seu exemplo convida-nos à solidariedade com os últimos, com os pobres, com os mais humildes, com aqueles que o mundo rejeita e marginaliza; convida-nos a identificarmo-nos com os sofrimentos e as angústias, as alegrias e as esperanças de cada homem ou mulher; convida-nos a fazer o que estiver ao nosso alcance para promover aqueles que são humilhados, explorados, incompreendidos, colocados à margem da vida e da história. Sentimo-nos solidários com os irmãos e as irmãs que fazem caminho conosco, especialmente com aqueles dos quais ninguém cuida, que ninguém quer, que ninguém defende? Sentimos que as dores e feridas que fazem sofrer os nossos irmãos também são nossas? *in Dehonianos.*

## **EVANGELHO – Marcos 10,46-52**

**Naquele tempo,**

**quando Jesus ia a sair de Jericó**

**com os discípulos e uma grande multidão,**

**estava um cego, chamado Bartimeu, filho de Timeu,**

**a pedir esmola à beira do caminho.**

**Ao ouvir dizer que era Jesus de Nazaré que passava,**

**começou a gritar:**

**«Jesus, Filho de David, tem piedade de mim».**

**Muitos repreendiam-no para que se calasse.**

**Mas ele gritava cada vez mais:**

**«Filho de David, tem piedade de mim».**

**Jesus parou e disse: «Chamai-O».**

**Chamaram então o cego e disseram-lhe:**

**«Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te».**

**O cego atirou fora a capa, deu um salto e foi ter com Jesus.**

**Jesus perguntou-lhe:**

**«Que queres que Eu te faça?»**

**O cego respondeu-Lhe:**

**«Mestre, que eu veja».**

**Jesus disse-lhe:**

**«Vai: a tua fé te salvou».**

**Logo ele recuperou a vista**

**e seguiu Jesus pelo caminho.**

## **CONTEXTO**

Jesus e os discípulos descem pelo vale do Jordão, a caminho de Jerusalém. Já não falta muito para que esse caminho – simultaneamente geográfico e espiritual – chegue ao seu termo. O grupo entra na cidade de Jericó, mas não fica lá muito tempo. É provável que Jesus tivesse uma certa pressa de chegar a Jerusalém.

Jericó, a “cidade das Palmeiras”, é um oásis situado na margem do rio Jordão, a norte do Mar Morto, a cerca de 30 quilómetros de Jerusalém. Considerada a cidade mais antiga do mundo, está a cerca de 250 metros abaixo do nível do mar. Foi por Jericó que os hebreus vindos do Egito, conduzidos por Josué, entraram na Terra Prometida. Na época de Jesus, era uma cidade relativamente importante, com grandes plantações de palmeiras e de bálsamo. Para os peregrinos que vinham da Galileia e da Pereia, pelo vale do Jordão, a caminho de Jerusalém, Jericó era um local de passagem obrigatória. Herodes, o Grande, edificou em Jericó um luxuoso palácio de Inverno e dotou a cidade de um hipódromo e de um anfiteatro. Foi aí que ele cometeu alguns dos seus muitos crimes e onde veio a falecer. Jericó era, também, a cidade do publicano Zaqueu (cf. Lc 19,1-10).

Quando Jesus e os discípulos estão a sair de Jericó para retomarem o caminho para Jerusalém, deparam-se com um homem sentado à beira do caminho. Esse homem é cego e chama-se Bartimeu (Marcos explica aos seus leitores que o nome significa “filho de Timeu”).

Os “cegos” – como Bartimeu – faziam parte do grupo dos excluídos da sociedade palestina de então. As deficiências físicas eram consideradas pela teologia oficial como resultado do pecado. Ora, nesta lógica, um cego era alguém que tinha cometido um pecado especialmente grave, pois tinha sido castigado por Deus com um

problema físico que o impedia de estudar a Lei. Pela sua condição de impureza notória, os cegos eram impedidos de servir de testemunhas no tribunal e de participar nas cerimónias religiosas no Templo. *in Dehonianos*

## INTERPELAÇÕES

- A situação inicial do cego Bartimeu – encerrado numa escuridão paralisante, acomodado à sua vida de hábitos e comportamentos velhos, aos seus medos, às suas hesitações, à sua vergonha – evoca um quadro que talvez não nos seja estranho... É a condição do homem que não consegue levantar os olhos do chão, que vive a prazo, que navega sempre à vista de terra, que se conforma com horizontes limitados e é incapaz de olhar para mais longe e mais alto; é a situação do homem prisioneiro do egoísmo, do orgulho, da ambição, dos bens materiais, da preguiça, que vive preso a preocupações rasteiras e materiais; é a realidade do homem refém dos seus vícios, hábitos e paixões, que “deixa correr” as coisas porque não se sente com capacidade para romper, com as suas frágeis forças, as cadeias que o impedem de construir uma vida mais digna e mais ditosa. A Palavra de Deus que escutamos neste domingo garante-nos que a vida não tem de ser vivida desta forma. Estamos conscientes disso? Estamos dispostos a vencer a tentação do imobilismo, da acomodação, do facilitismo, das apostas fáceis em “conquistas” que nunca saciam a nossa fome de vida eterna?

- Para o cego Bartimeu, o momento decisivo para a transformação da sua vida foi o encontro com Jesus. Bartimeu sentiu, nesse instante, que Jesus lhe oferecia perspectivas novas de vida e de realização; percebeu que Jesus lhe trazia uma proposta irrecusável e que não podia deixar escapar a oportunidade que lhe era oferecida. Em Jesus, Bartimeu viu a oportunidade de deixar a escuridão e de nascer para a luz. O encontro com Jesus, se é verdadeiro, é sempre desafiante e transformador. Ora, esse mesmo Jesus que se cruzou com o cego Bartimeu à saída de Jericó continua a cruzar-se hoje, de forma continuada, com cada homem e com cada mulher nos caminhos da vida e a oferecer-lhes, sem cessar, a possibilidade de agarrarem uma vida nova, uma vida cheia de sentido, uma vida plenamente realizada... E isto diz-nos respeito: a salvação que Jesus oferece também é para nós. Ousaremos sair do nosso egoísmo, da nossa indiferença, da nossa autossuficiência para escutar e abraçar a proposta de Jesus?

- Bartimeu confiou e colocou toda a sua vida nas mãos de Jesus. Atirou fora, sem hesitação, a vida que conhecia até aí, deu um salto qualitativo que alterou os seus horizontes e partiu para a aventura de seguir Jesus. Bartimeu apostou tudo em Jesus; e, ao fazer essa opção, deixou de estar sentado “à beira do caminho” para “ir com Jesus no caminho” ou para “fazer caminho com Jesus”. Jesus passou a ser a sua referência, o seu “mestre”, o seu “guia”, o seu “Senhor”. E nós? Quem é a nossa referência no caminho da fé? Vivemos a fé como seguimento incondicional de Jesus, ou como o simples cumprimento de rituais que herdamos dos nossos antepassados e que vivemos de forma desleixada, morna e pouco comprometida? Sentimo-nos discípulos decididos, que não querem perder Jesus de vista porque sabem que Ele é Caminho, Verdade e Vida?

- Na história do encontro de Bartimeu com Jesus, aparecem diversos figurantes, com papéis vários. Uns são obstáculo ao encontro entre Bartimeu e Jesus (“muitos repreendiam-no para que se calasse”); mas outros apresentam-se como intermediários entre Jesus e Bartimeu e transmitem ao cego o “chamamento” de Jesus (“coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te”). Este facto serve para nos tornar conscientes do papel daqueles que nos rodeiam no nosso caminho da fé. Ao longo da nossa caminhada, encontraremos pessoas que nos levam até Jesus e que nos ajudam a tornarmo-nos discípulos; mas encontraremos também pessoas que, muitas vezes com ótimas intenções, tentam impedir-nos de nos comprometermos com Jesus e com o Reino de Deus. Assim, neste processo de aproximação a Jesus, temos de tentar perceber, com sentido crítico, a quem dar ouvidos, que indicações e conselhos devemos acolher ou rejeitar... Entre as pessoas que encontramos no nosso caminho, quem é que nos pode ajudar, genuinamente, a chegar a Jesus e a estabelecer contacto com Ele?

- As pessoas que encorajam Bartimeu a aproximar-se de Jesus representam aqueles homens e mulheres genuinamente preocupados com o sofrimento dos seus irmãos, que não conseguem ficar indiferentes ao apelo de quem procura a luz, que têm um coração capaz de se compadecer com as lágrimas e as dores dos que vivem em dificuldade. Esses são, no meio do mundo, sinais vivos da misericórdia, da ternura e do amor de Deus; esses são filhos verdadeiros de um Deus que ama. Como nos posicionamos diante dos gritos dos nossos irmãos que sofrem? Preocupamo-nos em cuidar das feridas dos homens e mulheres que encontramos caídos nas estradas da vida e procuramos levá-los a Jesus a fim de que Ele os cure?

- Quando alguém abandona a vida velha e decide tornar-se discípulo de Jesus, não tem todos os problemas resolvidos. Enfrenta desafios novos, fica fora da sua zona de conforto e tem de se adaptar a novas realidades, perde a segurança que os velhos hábitos davam, tem de enfrentar as críticas e as incompreensões de quem não compreende a sua opção... Aquele caminho de Jerusalém para o qual Jesus convoca os discípulos, é um caminho que passa pela cruz e pelo dom de si próprio. Não esqueçamos, no entanto, que esse caminho conduz à Vida nova, à ressurreição, à Vida definitiva. Jesus não arrasta os seus discípulos para um beco sem saída, mas leva-os ao encontro da Vida verdadeira, segundo o projeto do Pai. Quando avaliamos tudo isto, sentimo-nos com coragem para escolher Jesus e para O seguir? Estamos seguros de que vale a pena seguir Jesus, apesar de todas as dificuldades que teremos de enfrentar? *in Dehonianos*

**Para os leitores:**

A **primeira leitura** é o anúncio alegre e jubiloso da libertação de Israel. A proclamação deste texto deve ser marcada por este tom, valorizando as formas verbais no modo imperativo: «*soltai*», «*enaltecei*», «*proclamai*».

A **segunda leitura** requer uma acurada preparação nas pausas e respirações, sobretudo nas frases mais longas e com diversas orações, para uma mais articulada leitura do texto.

**I Leitura: (ver anexo)**

**II Leitura: (ver anexo)**